

A força camarido

Opinião Setembro de 2007 • Manuelzão

A Nova Cultura

Os movimentos por uma nova cultura da água, e por uma nova cultura política, que brotam por toda parte, são partes de um momento de tomada de consciência da necessidade de uma nova mentalidade cultural sem a qual nossos problemas maiores não serão resolvidos.

Podemos chamar este momento de era das águas, momento da história humana em que os ingredientes da crise sócio-ambiental, em razão dos impactos das atividades econômicas e do pensamento político hegemônico, se refletem nas águas, em sua biota e na qualidade de vida humana. As águas passaram a ocupar o centro da questão ambiental e o ambiente o centro da questão econômica.

Esses sentimentos estiveram presentes em dois eventos realizados pelo Projeto Manuelzão, a Caravana em Defesa do São Francisco e o FestiVelhas, ocorridos no espaço de apenas 20 dias neste segundo semestre de 2007. Mas já se manifestaram há 10 anos, com a fundação do Projeto Manuelzão, e mais recentemente na criação da Frente Cearense por uma Nova Cultura das Águas e movimentos similares em outros países. A própria lei federal 9433/97 e a possibilidade de gestão das bacias hidrográficas pelos comitês de bacia refletem a grandeza deste momento na ótica da administração institucional, contribuindo para o desenho de novas formas de participação democrática.

Tanto no Nordeste quanto em Minas Gerais, dentro e fora da bacia do São Francisco, nossa relação com a água está tendo o papel de despertar nossa mente para a necessária mudança de conceitos

e atitudes, onde são questionados limites geográficos herdados, práticas no exercício da democracia, valores da política macroeconômica. Devemos ser portadores de uma nova cultura que pense o planeta de forma sustentável e solidária. Onde o dinheiro não seja a alma dos homens.

Vimos no interior do Rio Grande do Norte e do Ceará as águas da solidão, da exclusão, águas amputadas das terras, das pessoas, animais e peixes; vimos nos açudes e megacanais desertos de águas com a cara da bolsa de valores e o aumento do sofrimento do povo.

Compreender o semi-árido é um desafio que vai além da política e da economia. A indústria da seca, depois de tanta crueldade no Nordeste e gastos desnecessários, acabou por gerar sua contestação na forma como se desenvolve o movimento nacional em defesa do São Francisco, pelo desenvolvimento inclusivo e sustentável do semi-árido brasileiro e contra a transposição. A mitológica "cuia d'água", que iria matar a sede do sertanejo disperso nas vastas caatingas com o faraônico canal da transposição, está desmascarada.

Isso está sendo denunciado pelos trabalhadores rurais, pelos atingidos por barragens, pelos pequenos e médios proprietários. Só o grande hidro-agro-negócio está apoiando esse projeto e apresentando-o de forma falsa. As constantes referências a Dom Pedro II e ao coronel Mário Andreazza, que nos lembra a Transamazônica, durante a *Caravana*, nos revelaram a contradição do novo e o velho que o projeto da Transposição trás à cena política brasileira.

Parceria e patrocínio







Colaboração













51 municípios da bacia do Rio das Velhas

Comitê da Bacia do Rio São Francisco

Não deixe de ler

Caravana

Participantes conhecem um semi-árido cheio de água6

Lagoas Cársticas

Preocupação transdisciplinar para uma região delicada12

FestiVelhas Jequitibá

Energia Nuclear

Diferentes argumentos para uma nova possibilidade20

Expediente

Informativo do Projeto Manuelzão e de suas parcerias institucionais e sociais pela revitalização da bacia hidrográfica do Rio das Velhas.

Coordenação

Geral: Apolo Heringer Lisboa apolohl@medicina.ufmg.br

Meta 2010 e NuVelhas: Thomaz da Matta Machado Biomonitoramento: Marcos Callisto, Carlos Bernardo Mascarenhas e Paulo Pompeu

Recuperação vegetal: Maria Rita Muzzi e Nadja Horta de Sá Mobilização social e educação ambiental: Marcus Polignano e Rogério Sepúlveda

Comunicação Social: Elton Antunes Publicações: Eugênio Goulart e Letícia Malloy

Centro de Informação e Documentação: Carolina Saliba

Redação e Edição

Elton Antunes (MTb 4415 DRT/MG), Carolina Silveira (MTb 0011162 DRT/MG), Humberto Santos, Carlos Jáuregui, Lívia Aguiar, Mariana Garcia, Matheus Jasper, Vanessa Veiga, Victor Guimarães, Taís Ahouagi, Filipe Motta e Sâmia Bechelane Diagramação e Ilustração: Marcelo Graciano, Fred Aflalo e João Paulo Tiago (Atelier de Publicidade/UFMG) e Carlos Jáurequi

Adaptação projeto gráfico: Calebe Asafe Bezerra Impressão: Posigraf

Tiragem: 100.000 exemplares

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor. Os artigos assinados não exprimem, necessariamente, a opinião dos editores do jornal e do Projeto Manuelzão.

Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Medicina

Departamento de Medicina Preventiva e Social Internato em Saúde Coletiva Avenida Alfredo Balena, 190, 10° andar - sl. 10.012 Sta Efigênia - Belo Horizonte - Minas Gerais Brasil - CEP: 30130-100 - Tel: (31) 3248-9818 www.manuelzao.ufmg.br manuelzao@manuelzao.ufmg.br Setembro de 2007 • Manuelzão Opinião

Carta ao leitor

De viagens e eventos

Caro leitor,

Nesta edição a equipe da Revista Manuelzão pôs o pé na estrada para trazer para você coberturas *in loco* dos fatos que estavam acontecendo. Nossos repórteres já haviam feito matérias fora de Belo Horizonte, por todos os cantos da Bacia do Velhas. Mas esta edição é marcante, pois pela primeira vez a equipe saiu de Minas Gerais para fazer uma matéria. É o que você vai conferir a partir da página 6. Você verá os "retratos" da *Caravana* pelo São Francisco e um pouco da realidade nordestina e da bacia são-franciscana.

Outros "retratos" desta edição também são frutos de outra viagem, só que para mais perto: Jequitibá. De lá a equipe traz as vozes, cores e impressões do *FestiVelhas Jequitibá* (pág. 14).

Para fazer tudo isso foi necessária muita disposição da equipe, que ainda se propôs a discutir a polêmica produção de energia elétrica em usinas nucleares (pág. 20). E eles descobriram que o único consenso nessa discussão é justamente a falta de consenso.

Quais os desafios de um presidente de Comitê? Muitos, e enormes se o Comitê em questão é o do Rio São Francisco. Na entrevista desta edição (pág. 5), o coordenador do Projeto Manuelzão, Thomaz da Matta Machado, recém eleito presidente do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, fala do assunto.

Os grandes eventos do Projeto, como a Expedição desce o Rio das Velhas ou o *FestiVelhas*, tornaram o Manuelzão conhecido e mobilizaram muitas pessoas para a causa ambiental. Esses eventos são para a divulgação ou para a mobilização? É um caminho para fazer a sensibilização para temas importantes? E o que fazer depois dos eventos? É o que você pode conferir na matéria da página 23. Entre nesta "viagem" e boa leitura.

Manifestações

Dez anos

"Depois de 10 anos de edição do Manuelzão, pela primeira vez o li. Por isso venho parabenizar todos os profissionais envolvidos neste Projeto. Quero ressaltar que todo conteúdo do Manuelzão é totalmente informativo e pedagógico".

Cleiton Abreu, por e-mail

Caravana

"Valeu essa visita da *Caravana* ao Rio Grande do Norte. Trouxe conteúdo concreto ao que já falamos faz muito tempo. Populações estão perto da água sem proveito. Foi importante o depoimento sobre a mudança ocorrida com a grande obra da barragem que desequilibrou o meio ambiente, direcionou completamente o uso da água e não trouxe benefício para os pequenos agricultores da região. Muito bom o questionamento sobre desenvolvimento com a pergunta se somente com água está resolvido o problema do semi-árido.

Abraço,

Edu Terrin, por e-mail.

FestiVelhas

"O *FestiVelhas* foi muito bom. A gente brincou muito. Teve muito palhaco e brincadeira. Batemos muito tambor."

Arthur Fernandes Marques, 9 anos, visitante de Belo Horizonte

Esgotado!

"Na matéria "Esgotado!", veiculada no número 41, relativa à concessão de água e esgotos de Sete Lagoas, (...) consta uma clara posição da revista - e da coordenação do Projeto - em favor da assinatura da concessão com a COPASA. A meu ver, o tema é por demais complexo e há uma longa discussão no setor de saneamento quanto a ele, para ser tratado sem um aprofundamento do debate. A decisão quanto ao mais adequado prestador de serviço de saneamento - se estadual, autarquia municipal, administração direta municipal ou privado, por exemplo - tem sido objeto de debates e estudos há pelo menos três décadas no país. Por exemplo, estudos que desenvolvemos, no nível de pósgraduação, têm mostrado, em seu conjunto, um notável desempenho das autarquias municipais, dentre os modelos de gestão, embora em alguns casos os sistemas operados pela COPASA possam se destacar."

Prof. Léo Heller, Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental - UFMG, por e-mail

O Projeto Manuelzão recebe cartas, músicas, poesias e mensagens eletrônicas de vários colaboradores. Nesta coluna, você confere trechos de algumas dessas correspondências. Envie também sua contribuição. Participe da nossa revista! jornal@manuelzao.ufmg.br

Frases

"No momento que ficar mais claro que essa transposição pode ter como destinatário final grandes empreendimentos econômicos e não as pessoas, nós mudamos de patamar a discussão e iremos alcançar uma proposta."

AÉCIO NEVES, GOVERNADOR DE MINAS AO RECEBER A *CARAVANA SÃO FRANCISCO* EM BELO HORIZONTE DIA 20/08/07

"Minha posição historicamente foi sempre muito crítica sobre a transposição. Depois que o projeto foi reformulado, no primeiro mandato do presidente Lula, eu, como prefeito de Aracaju, critiquei o Partido dos Trabalhadores (PT) por assumir um projeto que não havia sido debatido."

MARCELO DÉDA, GOVERNADOR DE SERGIPE, AO RECEBER A *CARAVANA* EM ARACAJU NO DIA 31/08/07 "Estou comprometido aqui a levar a mensagem da Caravana. Só que a gente não pode achar que o presidente vai abrir o diálogo".



JACQUES WAGNER, GOVERNADOR DA BAHIA, RESPONDENDO AO PEDIDO DA *CARAVANA* DE PEDIR AO PRESIDENTE QUE DISCUTA A TRANSPOSIÇÃO

"Estou angustiado. Tenho certeza que o presidente Lula não tem conhecimento de como é esse projeto de transposição".

JOÃO ABNER JÚNIOR, PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. AO GOVERNADOR MARCELO DÉDA

Por soluções verdadeiras

Sociólogo da Comissão Pastoral da Terra/Bahia, participante da Caravana



A Caravana em Defesa do Rio São Francisco e do Semi-Árido Contra a Transposição cumpriu seu objetivo de recolocar, em nível nacional, o debate sobre o desenvolvimento do semi-árido e a situação do rio, questionando se a transposição é solução ou mais problema para a tão sofrida região nordestina e para o próprio São Francisco. A transposição é como combater a fome construindo um imenso supermercado, explicava o pessoal da *Caravana*, por onde passava. Isso só interessa à nova "indústria da seca". que ainda constrói fortunas e mantém currais eleitorais, inclusive para eleições presidenciais. Se o povo vai ter que pagar por água tão cara, subsidiando os usos econômicos intensivos em água (fruticultura irrigada, criação de camarão, siderurgia, etc.), ele tem o direito de saber a verdade e escolher se aceita ou não o "presente de grego". Mas isso lhe está sendo negado.

Mais do que "contra" um projeto falacioso, a Caravana apontou para a necessidade de aprofundar a busca de soluções reais para o reconhecido déficit hídrico de algumas regiões do semi-árido. Isso fez a diferença, venceu resistências, plantou dúvidas e conquistou adesões à idéia da convivência e não de combate às condições naturais do semi-árido. As soluções existem, como pudemos comprovar nas experiências realizadas por organizações populares congregadas na ASA (Articulação no Sémi-Árido), que já catalogou mais de 140 tecnologias viáveis para o meio rural. O "Atlas Nordeste" da ANA (Agência Nacional de Águas) revela o diagnóstico das necessidades reais do abastecimento hídrico humano nas cidades do semi-árido e indica as solucões diversificadas e descentralizadoras de recursos, a um custo de 3,6 bilhões de reais, metade do custo da transposição até 2010 (o custo total é de 20 bilhões!). Todos se perguntaram: por que não é essa a opção?

Foram visitados os dois maiores açudes do Nordeste, Castanhão-CE e Armando Ribeiro-RN. Impressiona o volume de água estocada da região mais açudada do mundo: são 70 mil açudes, com capacidade de 37 bilhões de m³, dos quais apenas 25% são aproveitados. E o povo passando necessidade ao redor. Como acontece às margens do São Francisco. O problema é mesmo gestão democrática e eficiente e não falta d'água.

Foi além de qualquer expectativa encontrar em todos os lugares tanta reação contrária ao projeto. Uma Frente Paraibana inaugurou-se em João Pessoa, congregando dezenas de entidades, como já acontece no Ceará. A Caravana foi oportunidade para ganhar visibilidade uma crescente onda popular por uma nova prática política, cada vez mais distante dos centros do poder. E por um outro desenvolvimento, econômica, social e ambientalmente equilibrado, em que o povo organizado demanda e é sujeito de soluções reais, como acontece tão fortemente no semi-árido. Ele só não é mero "entrave ao crescimento", como disse o presidente Lula; ao contrário, é parte essencial do real desenvolvimento sustentável.

A Caravana conseguiu sensibilizar autoridades para exigir do Governo Federal a retomada do diálogo sobre o desenvolvimento do semi-árido, a necessidade ou não da transposição e alternativas a ela. Governadores de Minas Gerais, Bahia, Sergipe e Alagoas se comprometeram com a reabertura desta discussão, inclusive em levar a questão ao Presidente. Diante das ilegalidades, tais como os estudos de impactos ambientais incompletos e os impactos sobre populações indígenas sem consulta ao Congresso Nacional, cresce a expectativa de que o Supremo Tribunal Federal agilize o julgamento das ações contra o projeto e, em sessão plenária, decida sobre o mérito da questão e impeça definitiva-

A Caravana foi uma especial oportunidade de conhecer o Brasil, repensar nossas referências de vida e de trabalho, de desenvolvimento, de política, de nação... Se o Brasil ainda faz sentido, será para resolver as necessidades materiais e imateriais da maioria de seu povo, com suas diversidades e potencialidades, para um desenvolvimento equilibrado, auto-sustentado e soberano. A questão do Semi-árido e o Rio São Francisco pode ser a ocasião para que esse desafio comece, finalmente, a ser enfrentado com seriedade.

Apoio à Caravana

Barra, 31 de agosto de 2007

Prezados amigos e amigas,

Membros da Caravana do Rio São Francisco.

Paz e Bem!

Acompanhei com vivo interesse os passos heróicos da Caravana em Defesa do Rio São Francisco e do Semi-Árido Contra a Transposição. Por causa de outros compromissos pastorais, há muito assumidos, não tive condições de participar dessa jornada de brasilidade e cidadania.

Lideranças importantes e significativas com sólidos e abalizados argumentos levaram dados e informações que estão sendo sonegados pela oficialidade sobre os principais aspectos da obra de transposição. Essa, mais uma vez, foi desmascarada e mostrou sua triste verdade: é projeto para usos econômicos intensivos de água, às custas da sede e do bolso do povo. Isto é injusto e

A receptividade encontrada nos locais visitados, especialmente no chamado Nordeste Setentrional, mostra que o povo está cada vez mais desconfiado da propaganda enganosa do Governo e das reais intenções da transposição.

Com a Caravana, o povo reanimado, esclarecido e mobilizado, reacende-se na esperança de que as autoridades revejam a decisão de implementar a transposição e optem pelas alternativas mais eficientes e baratas na convivência com o semi-árido. Existem brasileiros que realmente amam sua terra e sua gente.

Deus abençoe os membros desta Caravana e faça multiplicar os seus frutos.

Com minha saudação amiga e fraterna,

Dom Frei Luiz Flávio Cappio, OFM-Bispo Diocesano de Barra-BA



Foto: Gervásio Baptista-Abr

Setembro de 2007 • Manuelzão Entrevista 5

Enfrentar desafios

O coordenador do Projeto Manuelzão, Antônio Thomaz Gonzaga da Matta Machado. foi eleito por consenso presidente do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (CBH-SF), no último dia 10 de agosto. Representante da sociedade civil, Thomaz permanecerá no cargo até 2009. Na entrevista ele fala dos desafios a serem enfrentados pelo Comitê durante esse período: transposição, Agência de Bacia e revitalização.

MATHEUS JASPER Estudante de comunicação da UFMG

O que representa a eleição do senhor como presidente do CBH-SF?

É a primeira vez que a sociedade civil assume a presidência do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Até então ele tinha sido presidido pelos governos de Minas ou da Bahia. Isso é importante: ter na presidência um olhar que não seja exatamente o governamental. Por outro lado é um grande desafio, porque a sociedade civil não tem estrutura, não tem secretário, não tem carro, não tem passagem de avião, uma série de coisas que facilitam.

Quais os desafios que o Comitê tem que enfrentar para os próximos anos?

São três grandes questões. A primeira é o grande conflito do uso da água, que é a transposição. Desde o nascedouro do Comitê a sua resolução não foi cumprida [o CBH-SF autorizou a retirada de água do São Francisco apenas para a dessedentação humana e animal]. O Governo Federal resolveu, por meio de uma decisão do



Conselho Nacional de Recursos Hídricos, autorizar o uso de água para bacias externas que não é para abastecimento humano. Isso pode agravar o conflito pelo uso da água entre os estados e entre usuários, principalmente a irrigação e as companhias hidroelétricas.

A segunda questão é conseguir definir a Agência de Bacia; o que é extremamente complexo porque o CBH-SF se refere à calha, porque só ela é nacional. Os afluen-

Revitalização parece que é tratamento de esgoto. E não é

tes são estaduais. O Comitê precisa de uma arrecadação em torno de 2 milhões de reais, a calha vai oferecer para ele funcionar em torno de 500 mil. Depende dos afluentes mineiros, que têm a tendência de cada um fazer a sua agência. Se isso ocorrer, o Comitê fica sem agência. A Agência significa essa articulação principalmente com Minas Gerais.

E por fim a chamada revitalização. Ela está absolutamente dispersa, sem metas, sem prioridades geográficas, temáticas e por fora do Comitê. Isso vai por dentro de ministérios, governos ou Comitês afluentes, no caso, por exemplo, da Meta 2010 em Minas. Só aqui na Bacia do Velhas tem

1,6 bilhão sendo colocados. Mas o CBH-SF não consegue ser um palco de discussão da revitalização. E dentro da discussão temática é preciso introduzir a discussão sobre as hidroelétricas. Revitalização parece que é tratamento de esgoto. E não é. A priorida-

Se a transposição for viabilizada vai haver uma briga tão grande por água que não vai ter jeito de discutir

de temática na Bacia é a questão das hidroelétricas, ou seja, para se viabilizar a volta do peixe no baixo São Francisco é preciso interferir no regime das barragens.

O que a *Caravana* representou nessa luta contra a transposição?

Para nós ficou mais claro a certeza da decisão do Comitê e do engano que é a transposição do ponto de vista da Bacia do São Francisco e mesmo dos estados receptores. Pela primeira vez se fez o debate nos estados que vão receber a água. Conseguimos articular uma proposta alternativa para apresentar à sociedade e ao governo.

A necessidade de revitalização do São Francisco parece já ser um consenso entre ambientalistas e políticos...

Acho que não é consenso. Revitalização é muito pouco discutida. Ela é uma coisa que passa pelos três entes da Federação: União, Estados e Municípios e que é completamente desarticulados. Existem recursos que são "jogados" dentro do Ministério da Integração Nacional. Interferência nos regimes das barragens, recuperação de lagoas marginais, isso não é discutido.

E, com transposição, não há revitalização. Se a transposição for viabilizada, vai haver uma briga tão grande por água que não vai ter jeito de discutir essas coisas. É como o Rio Colorado, [que corta a região mais árida dos Estados Unidos e México], que até hoje não tem um consenso entre os estados doadores, receptores, entre os estados da Bacia. E o Colorado morreu! Hoje ele não chega no mar.

itervenção sobre cartas cartográficas do Brasil no Século XVII: Fred Aflalo

7

Pelo São Francisco e o semi-árido

HUMBERTO SANTOS Jornalista

Caravana foi composta por 19 pessoas, entre especialistas e representantes de movimentos sociais de Minas, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Durante duas semanas, o grupo se revezou para relatar suas experiências com o Rio São Francisco e o Semi-árido e mostrar as incoerências do projeto de transposição. A jornada começou em Belo Horizonte, no dia 19 de agosto, durante a 11ª Romaria das Águas e da Terra de Minas Gerais e terminou em Maceió, no primeiro dia de setembro.

Na capital mineira o grupo cumpriu extensa agenda, visitando a Assembléia Legislativa, a reitoria da UFMG e o governador Aécio Neves (PSDB). Na capital federal, Brasília, a *Caravana* pôde falar na sessão da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara do Deputados, e ser recebida pelo vice-presidente da Câmara, pela cúpula diretora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e pelo vice-presidente da República, José Alencar (PR).

"O Rio não tem visão da transposição do São Francisco; só percebeu o tema depois da greve de fome do Bispo [Luiz Flávio Cappio]. E foi se esquecendo, já que não está no cotidiano dele", disse o prefeito da capital carioca, César Maia (DEM), ao receber a Caravana. Ao visitar o Rio de Janeiro e São Paulo o grupo tentou mostrar para a população e políticos dos dois estados que o projeto de transposição é nacional. Ou seja, mesmo fora da bacia, estes estados serão afetados. Por exemplo, se a transposição for realizada, os custos dela serão pagos por todos brasileiros e não só pelos nordestinos. Além disso, a produção de energia elétrica será reduzida nas hidroelétricas do Rio São Francisco, o que pode exigir mais energia elétrica de outras regiões brasileiras para o Nordeste.

Já em território nordestino, o grupo esperava o acirramento dos debates. Mas isso não aconteceu. Em Natal, a surpresa foi o pouco conhecimento da população a respeito da transposição, mesmo o Rio Grande do Norte (RN) sendo um estado que pode receber água caso a obra seja realizada. Na capital cearense, Fortaleza, o debate foi um pouco mais acalorado na audiência pública na Assembléia Legislativa. Entretanto, o debate com os movimentos sociais na Universidade Federal do Ceará mostrou que a obra não é uma unanimidade no estado. O grupo aproveitou para conhecer os acudes Armando Ribeiro Gonçalves e o Castanhão no interior, respectivamente, do RN e do CE. A visita permitiu que a Caravana conhecesse um pouco mais da realidade do sertão (veja na páginas seguintes).

Em Recife, o debate na universidade propiciou aos estudantes um maior conhecimento sobre os problemas do projeto.

O "clima" em João Pessoa prometia ser tenso, já que houve "campanha" de um bispo local para que a *Caravana* não fosse recebida nem pela população, nem pela imprensa. Não deu certo. Cerca de duas centenas de pessoas lotaram o auditório da Ordem dos Advogados do Brasil e debateram o tema. Muitas dessas pessoas queriam tirar dúvidas, mas a maioria já chegou ali desconfiando que elas, produtoras rurais do interior, não veriam uma gota da água desviada do Velho Chico.

Em Salvador e Aracaju, os governadores, respectivamente Jacques Wagner e Marcelo Déda, ambos petistas, se comprometeram a levar a proposta de diálogo ao presidente Lula. Na Assembléia Legislativa baiana, os deputados estaduais prometeram realizar audiência pública para debater o tema.

No último dia, cerca de 200 pessoas saíram em caminhada pelas ruas do Centro de Maceió. Com faixas e palavras de ordem, o grupo chamava a atenção de quem estava nas ruas para a revitalização do Rio São Francisco. A ex-senadora e hoje professo-

ra da Universidade Federal de Alagoas, Heloísa Helena, carregou faixa junto com os integrantes da *Caravana* e representantes dos movimentos sociais. Ela declarou que somente a mobilização dos movimentos sociais poderá parar esse projeto.

E agora?

A Caravana passou, o que fazer agora? Apolo Heringer, coordenador da Caravana, acredita que o caminho é cobrar os compromissos assumidos durante a viagem (ver pág. 8) e continuar levando o tema transposição e semi-árido para ser debatido no restante do país e não só no Nordeste. Seu Antônio Gomes, o Toinho Pescador, de Alagoas, acredita que a Caravana "foi um dos melhores momentos para mostrar a causa dos contrários à transposição".

Soraya Vanini, da Frente Cearense por uma Nova Cultura da Água, também avalia que o próximo passo é cobrar os compromissos firmados. Ela avalia, ainda, que a Caravana trouxe desdobramentos: "no Ceará introduziu novas discussões, como o abastecimento de Fortaleza; e propostas viáveis para cidades litorâneas com a dessalinização". Para Rejane Alves, da Articulação do Semi-árido (ASA) da Paraíba, a passagem da Caravana mostrou que as "bases no campo precisam ser trabalhadas", já que lá eles acreditam que serão beneficiados, por causa da forte presença da Igreja e da mídia.

"A Caravana conseguiu recolocar o debate sobre o desenvolvimento do Semiárido e a situação do São Francisco, apontando para a necessidade de aprofundar a busca de soluções para o reconhecido déficit hídrico de algumas regiões do semi-árido", analisou Ruben Siqueira, da Comissão Pastoral da Terra da Bahia.

Compromissos Assumidos

Belo Horizonte

- Assembléia Legislativa de Minas Gerais: o deputado Gil Perreira, presidente da Comissão Interestadual Parlamentar de Estudos do Rio São Francisco propôs a criação de uma "Frente Parlamentar Contra a Transposição e pela Verdadeira Revitalização do São Francisco" e a realização de audiência pública sobre o assunto com representantes da *Caravana* e do Governo Federal.
- UFMG: o reitor Ronaldo Tadeu Pena se comprometeu a realizar, ainda em 2007, um seminário com a participação dos membros da *Caravana*, especialistas da universidade e representantes do Ministério da Integração.
- Governo do Estado: o governador Aécio Neves comprometeu-se a orientar sua base aliada em Brasília para reintroduzir a transposição e a convivência com o semi-árido na agenda da Câmara dos Deputados.

Rio de Janeiro

 Prefeitura: o prefeito César Maia solicitou a publicação *Transposição:* Águas da Ilusão em formato digital para enviar junto com o boletim eletrônico da Prefeitura do Rio.

Brasília

- Câmara dos Deputados: os deputados Iran Barbosa (PT/SE), Juvenil Alves (S/Part./MG) e Nilson Pinto (PSDB/PA), respectivamente, presidente da Subcomissão Especial do Rio São Francisco, relator do processo do projeto de transposição e presidente da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara, se comprometeram a colocar o assunto em discussão na Comissão de Meio Ambiente
- Vice-Presidência: o vice-presidente José Alencar se comprometeu a levar o pedido de diálogo ao presidente, prometido por Lula ao Frei Luiz Flávio Cappio após a greve de fome de 11 dias em 2005.
- CNBB: A cúpula diretora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, se comprometeu, após levar o assunto ao conhecimento do Conselho Episcopal, a enviar carta ao presidente Lula pedindo a abertura do diálogo sobre a transposição antes de se realizar a obra.

• Os deputados Nárcio Rodrigues (PSDB/MG), Fernando Ferro (PT/PE), Vírgílio Guimarães (PT/MG), e Fernando de Fabinho (DEM/BA) solicitaram ao presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia (PT/SP), que transforme uma das sessões plenárias em Comissão Geral (onde a tribuna é livre para os deputados se manifestarem), para debater a transposição do Rio São Francisco. Ainda não foi marcada a data dessa seção.

Recife

- UFRPE: O reitor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Valmar Corrêa de Andrade, firmou o compromisso de estimular o debate e dar todo o apoio na discussão da transposição não só na unidade da universidade da capital, mas também nos *campi* de Serra Talhada e Garanhuns.
- O vice-prefeito de Recife, Luciano Siqueira (PC do B), assumiu o compromisso de levar a discussão sobre a transposição adiante, tanto no seu partido, como no município.

Salvador

 Governo do Estado: o governador Jacques Wagner (PT) se comprometeu a levar o pedido de abertura de diálogo ao presidente Lula.

Aracaju

 Governo do Estado: o governador Marcelo Déda (PT), que é contrário à obra, também se comprometeu a levar a mensagem da *Caravana* de diálogo sobre a transposição e políticas públicas para o Semi-árido ao presidente.

São Paulo, Natal, Fortaleza, João Pessoa

• A *Caravana* solicitou audiência com José Serra (PSDB), Wilma de Farias (PSB) e Cid Gomes (PSB), Cássio Cunha Lima (PSDB), respectivamente, governadores de São Paulo, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba. Infelizmente, nenhum deles enviou resposta ao pedido.

O sertão nordestino, do interior do Rio Grande do Norte (foto) e do Ceará, desbravado em dois dias pela Caravana se mostrou surpreendente para os integrantes. As plantações de melão potiguares (ver pag. 11); as pessoas nadando no assoreado Jaguaribe, os açudes cheios de água, mas com sua utilização restrita e concentrada (ver pág. 11); famílias a 500 metros de grandes barragens utilizando cisternas para a coleta das águas da chuva; o capim seco e o verde da invasora algaroba e da pioneira algodão de seda. A imagem do solo esturricado, da vegetação seca, dos animais e pessoas sem água ou utilizando água barrenta para beber é comumente mostrada como a que representa o Nordeste. Mas, o que mais impressiona quando se visita o sertão, não são os efeitos da seca e sim a água. Isso mesmo, mares de água doce, criados para amenizar e até mesmo resolver os efeitos da seca. Entretanto, a água está apenas armazenada e concentrada em poucos

lugares. Não há distribuilugares. Não há distribuição dela, nem mesmo para
ção dela, nem mesmo para
quem está próximo do açuquem está próximo do açuque pág. 9). Mas há água
de (ver pág. 9). Mas ha água
de (ver pág. 9). Mas ha água
de camarão e de frutas para
de camarão e de frutas para
de camarão.
exportação.

Foto: Humberto Santos

Vida dura no sertão



"Quando foi para a gente vir para agui [no assentamento], teve muito é promessa. Quando a gente estava lá eles diziam: 'quando você for para lá, vocês vão melhorar a vida; vamos fazer o Canal da Integração e aí vocês vão fazer irrigação'. Eles batiam no bolso assim: 'vocês vão viver com o bolso cheio de dinheiro. Lá vocês vão ter facilidade'. Eu dizia para o pessoal: 'rapaz, não se iluda porque nada disso será verdade', e taí, a realidade é essa. Tudo isso foi mentira. Quando essa barragem estava para começar, a gente brigou para que ela não acontecesse. Aí quando a gente viu que não tinha mais meio, a gente caiu em campo brigando pelos direitos da gente. Eu tenho esperança porque se a gente não esperar é um colapso. Aqui nós temos 170 famílias, temos mais dois assentamentos com quase 400 famílias. Se esse projeto não sair para nós é o fim de mundo. Eu, aqui, me sinto amargurado". Seu Taxim (Francisco Saldanha), 70 anos (foto) presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Jaguaribara e morador do assentamento. Ele foi retirado de sua propriedade para a construção do Acude Castanhão.

Nova Jaguaribara (CE)

Fui tirar água ali bem satisfeito. Primeiramente che-800 os Suardas; tem suarspeno, i imenumente eneram que eu não poderia tirar. Eu disse que enquanto não fosse preso, tirava. No dia seguinte, eles chegaram com dois soldados na moto. Quando o pessoal daqui viu, eles fizeram um fecha, fecha e eles correram. Mas, no outro dia, veio um tal de coronel aqui, com Polícia, com carro, com tudo. Desse dia em diante, eu poucu, com curro, com muo. Desse um em unume, em anim de porque a coisa estava feia". O "ali" do relato do senhor Francisco Saldanha, o Seu Taxim, 70 anos, morador de Nova Jaguaribara é o Canal da Integração (CI). O CI "constitui-se de um complexo de estação de bombeamento, canais, sifões, adutoras e túneis, que realizam a transposição das aguas do Açude Castanhão para reforçar o abastecimento da Região Metropolitana de Fortaleza, assim como do Complexo Portuário e Industrial do Pecém, fazendo a integração das bacias hidrográficas do Ja-Suaribe e Região Metropolitana", explica o site da Suurwe e regiuo merroponiuma, expirca o sue un sue 10, a água do canal está verde de lanto tempo parada. Se a transposição do Castanhão, que é mais modesta, não levou água para quem precisa, como acreditar que a transposição do Velho Chico vai beneficiar o Sertanejo que sofre com a seca? Seu Taxim levou suas

25 reses para uma área a 70 quilômetros de distância de sua casa, para lá elas terem água de beber. Se a agua é para matar a sede do homem e dos animais, por que ela não chega para a criação?

Foto: Humberto Santos

No caminho da Caravana havia vários gabinetes: de prefeitos, governadores e até vice-presidente. Gabinetes de móveis bonitos e reluzentes, cerimoniais diligentes e governantes sorridentes. Todos nos ouviram, uns com mais e outros com menos atenção. Para uns, o ato era "burocrático"; recebiam por receber, para sair bem na foto do jornal do dia seguinte. Outros prometeram intermediar a abertura de diálogo com o Governo Federal. Mas não escreveram o que disseram no diário oficial. A Caravana passou, mas vai cobrar o que foi prometido.



Foto: Humberto Santos

Piaçabuçu (AL)

De Maceió a Piaçabuçu são cerca de duas horas e meia de van. De lado, a lado, a paisagem é dominada por plantações de cana e coco. Entremeados entre as plantações, pequenos casebres. Em alguns deles, barracas vendem frutas. Uma penca de banana custa dois reais. A cana vai alimentar as usinas de Alagoas, que só perdem para as de São Paulo na produção de álcool combustível, dizem os alagoanos. O coco é para a indústria alimentícia. Alagoas divide com Sergipe mais do que a foz do São Francisco, divide também os problemas. O Velho Chico, sem forças, não "vai bater no meio do mar", como dizia a música de Luiz Gonzaga. Na divisa dos dois estados o São Francisco está cheio, bonito. "Tudo isso é água salgada, estamos na maré alta", me corrige Antônio Santos Veiga, 60 anos, pescador que começou no oficio aos nove, e que vê o pescado diminuir há muito tempo, desde as primeiras barragens no rio. Do lado sergipano, o farol do povoado de Cabeço (foto), é só uma ilha vertical no meio do mar. Antigamente, ao seu redor, ficavam a igrejinha e outras construções do lugar. Hoje, só os peixes fazem turismo lá, pois o oceano avançou e arrasou o que tinha ali. O São Francisco não teve forças para desendê-lo. O último sobrevivente começa a desistir e lentamente afunda. Logo, o farol será apenas uma lembrança nas memórias e fotografias.



Setembro de 2007 • Manuelzão Especial Caravana 1

Armando Ribeiro Gonçalves e Castanhão
Armando Ribeiro Gonçalves e Castanhão
(foto), com capacidades, respectivamente,
(foto), com capacidades, respectivamente,
(foto), com capacidades, respectivamente,
de 2,4 bilhões de m³ e 6,7 bilhões de Nordesde 2,4 bilhões de m³ e 6,7 bilhões do Nordesde 3,4 bilhões de m³ e 6,7 bilhões do Grande
dagua, são os dois maiores açudes De cima do,
te. O primeiro está localizado no Ceará. De cima do,
te. O primeiro está localizado no Ceará. De cima do,
te. O primeiro está localizado no Ceará. De cima do,
te. O primeiro está localizado no Ceará. De cima do,
te. O primeiro está localizado no Ceará. Pena a paredão de concreto a vista impressiona.
Pena da pareder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista, não se dá para ver até
agua a perder de vista a vista impressiona.

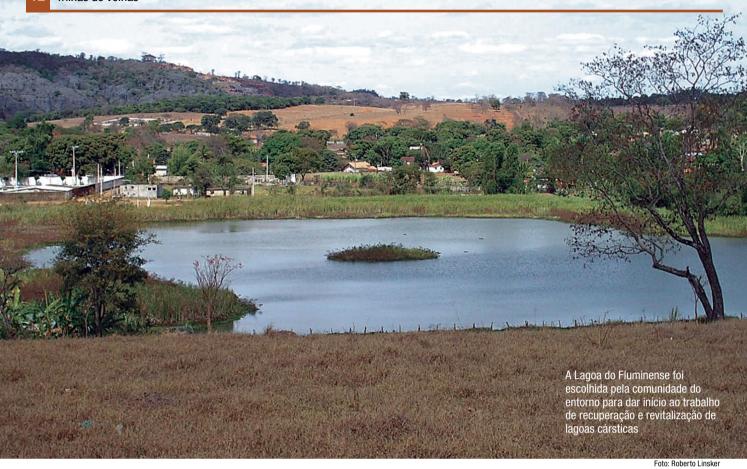
Fako, Humherto Santos

Foto: Humberto Santos

"O Rio Grande do Norte exporta água em forma de melão". A realidade descrita na frase proferida diversas vezes durante a Caravana pelo professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, João Abner Júnior, pode ser constatada pela passagem do grupo em Mossoro. Areas e mais áreas cobertas pelas plantações da fruta (foto). O Rio Grande do Norte é responsável por 90% da produção brasileira da fruta, que é exportada. De acordo com a Prefeitura de Mossoró, "em 2004 a região produziu 194 mil toneladas de melão; 84,5% dessa produção, o equivalente a 164 mil toneladas, foi exportada. O restante atendeu ao mercado interno brasileiro. As exportações de melão movimentaram um volume de As exportações de metao movimentaram um votame de recursos da ordem de US\$ 64 milhões". O problema aqui é o modelo de desenvolvimento. As condições climáticas e a água existente no RN permitem que o estado seja um grande produtor de frutas, mas quem tem acesso a água para produzir são só os grandes grupos multinaugun para produzir são so os grandes se apos mandas cionais. "Lá em Apodi já começaram a chegar grandes empresas do agronegócio, e a gente vê isso como um risco muito grande para nos que vivemos de agricultura familiar. O que resta para gente, é se organizar. Com essa chegada, as pessoas estão vendendo suas terras e indo para a cidade. Pegar 50, 100 mil para uma familia de 5 pessoas, depois de um ano estaríamos em situação difficil", analisa Francisco Edilson Neto, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Apodi, município próximo a Mossoró.

"Para o pobre, o açude Armando Ribeiro Gonçalves não trouxe melhorias. A melhoria chegou foi para os grandes produtores e agroindustriais. Hoje a barragem, ela controla a água. Quando as empresas pedem para diminuir, ela diminui; quando pedem para aumentar, ela aumenta. As grandes empresas, especialmente a Bel Monte e a Fino Brasa, têm o controle da água que sai da barragem. E se você perguntar hoje a diferença antes e depois da barragem, antigamente a gente vivia da agricultura familiar, plantava seu pedaco de terra. E tinha o rio para plantar na época de seca, então ela trouxe prejuízo para o pequeno produtor. Antes da barragem a gente era mais saudável, plantava. Hoje tem que comprar batata de fora". Severino Cosme Xavier, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ipanguaçu, município a 214 km de Natal, que foi afetado pela construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves.

Setembro de 2007 • Manuelzão Trilhas do Velhas



Sem norte

Avanço da ocupação urbana no vetor norte da RMBH e degradação sistemática do Carste mobilizam especialistas em busca de soluções

SÂMIA BECHELANE E TAÍS AHOUAGI Estudantes de Comunicação da UFMG

eólogos, biólogos, engenheiros, professores, líderes políticos e moradores da região em geral. Muita gente discutindo possíveis soluções para os problemas enfrentados pela Região Cárstica de Lagoa Santa. Assim foi o Seminário Técnico Lagoas Cársticas, ocorrido no dia 23 de agosto no município de Matozinhos. O evento, iniciativa do Subcomitê Ribeirão da Mata, foi uma tentativa de articular conhecimentos na busca por medidas transdisciplinares no combate aos problemas da região. E agora? As coisas são bem mais complexas do que um seminário pode fazer.

O Carste é uma região cujo solo é composto por calcário (ver Urbanização em Sistema Frágil). Como alertou o professor do Departamento de Biologia Geral da UFMG, José Eugênio Cortes, "o Carste é um ecossistema singular e ameacado. Exige, pois, esforços conservacionistas em ampla escala". A professora de geologia do Instituto de Geociências da UFMG, Giovana Parizzi, compartilha dessa opinião: "qualquer ecossistema necessita ser pensado de forma integrada, mas o Carste, devido à complexidade de sua estrutura, exige ainda mais essa integração".

Uma integração necessária, ressaltada no Seminário, é a regulamentação ambiental dos municípios da região. A definição de parâmetros para as questões referentes ao meio ambiente está sendo incorporada nos planos diretores de vários municípios, que estabelecem as regras para o uso e ocupação do solo. Entretanto, é consenso que a falta de articulação entre as leis dos municípios compromete a eficiência dos esforcos. "Entendemos que a compatibilização dos planos diretores é fundamental para que as ações de um município não causem impactos negativos nos outros", afirmou o secretário executivo do COM-10 (Consórcio dos Dez Municípios da Bacia do Ribeirão da Mata), Fábio Bittencourt. A urbanista e analista ambiental da Fundação Estadual de Meio Ambiente (Feam), Mônica Campolina, disse ainda que os esforços demonstrados até agora são insuficientes. "O principal problema na região do Carste é a falta de consideração do suporte natural, do meio físico, realmente como um fator de

definição de políticas urbanas. Os planos diretores da região consideram a questão ambiental, mas não a usam como um ponto de partida para a ação", afirmou.

Expansão urbana

O sistema cárstico de Lagoa Santa está localizado na bacia do Ribeirão da Mata, que nasce em Matozinhos e deságua no Velhas, em Santa Luzia. Na bacia, é alto o grau de degradação ambiental, o que faz aumentar a preocupação dos especialistas com a fragilidade natural do Carste. A arquiteta e mestranda em Geografia pela UFMG, Luciana Alt, por exemplo, criticou a precariedade do sistema de esgotos: "na maioria dos municípios da Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa, o sistema de esgotamento sanitário é composto de fossas rudimentares, o que gera um problema muito grave de contaminação". Também causam apreensão as obras do vetor norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte: Rodoanel, Linha Verde e o novo centro administrativo do Governo Estadual. Teme-se que elas impulsionem a especulação imobiliária e a expansão urbana desordenada, agravando os problemas enfrentados ali. E, depois de ocupada a região, "cria-se uma situação praticamente irreversível, pois ninguém tira as casas do lugar", ressaltou a superintendente executiva da Associação Mineira de Defesa do Ambiente, Maria Dalce Ricas.

As políticas apontam para o desenvolvimento como fator benéfico, mas os interesses econômicos nem sempre são compatíveis com a realidade ambiental. Mônica Campolina destacou que é comum a visão de que o crescimento econômico, por si só, garante qualidade de vida. No Seminário, ressaltou-se que o que se pretende não é frear o desenvolvimento da região, mas agir com cautela, com respeito às limitações ambientais.

A necessidade de integração entre os governos e deles com a sociedade foi enfatizada por todos. "Um dos maiores problemas da efetividade das ações que o poder público tenta fazer é a falta de integração. E isso é um fator extremamente prejudicial quanto a essa interdisciplinaridade das políticas públicas. Sem esse fator nós nunca vamos conseguir êxito, ou pelo menos os êxitos serão sempre limitados", ponderou Maria Dalce.

Urbanização em sistema frágil

O solo do Carste é formado por carbonato de cálcio, substância bastante solúvel em água. Seu terreno é mais suscetível à erosão pluvial e fluvial, que, ao dissolver a rocha, forma grutas e rios subterrâneos. Devido à porosidade do terreno, é marcante a presença de águas no subsolo, que dão origem às lagoas da região. Ligadas diretamente ao lençol freático, as lagoas compõem um sistema hidrológico complexo.

Isso torna o ambiente vulnerável à degradação que a ocupação humana pode causar, uma vez que a urbanização traz esgoto e lixo. A contaminação das águas por dejetos assume uma perspectiva preocupante. Por se tratar de um sistema de águas interligadas, caso uma lagoa cárstica seja atingida, a poluição pode se infiltrar no terreno e atingir o lençol freático, que exportará os poluentes pelo sistema. "O Carste encontra-se em uma região de convergência dos biomas da Mata Atlântica e Cerrado e abri-

ga 216 espécies de aves, 28% dessa fauna em Minas Gerais", explicou José Eugênio Cortes. O professor disse que tem-se verificado um decréscimo do número de espécies ao longo do tempo. "A maioria das aves extintas dependiam da vegetação aquática, hoje prejudicada pela poluição que vem atingindo as matas ciliares", afirmou.

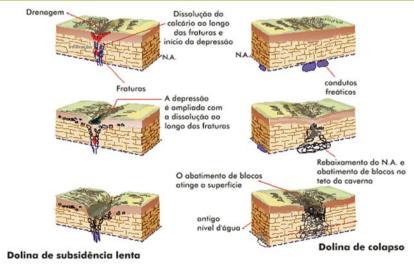
Outro problema é o abastecimento de água, extraída do subsolo. O bombeamento excessivo reduz o nível dos cursos subterrâneos e, sem a sustentação que a água exercia, o frágil solo calcário pode vir a ceder, formando as dolinas, buracos resultantes do processo de rebaixamento do solo. Elas também podem se formar devido ao desgaste natural do solo, pela reação da água com o calcário. Se a construção é feita sem levar em conta a capacidade do terreno de suportá-las, as edificações podem ficar comprometidas. E esses problemas têm sido agravados pelo avanço da urbanização.

Grutas em perigo

O Carste de Lagoa Santa é considerado patrimônio mundial. Aliados às exuberantes fauna e flora, os sítios arqueológicos, datados de milhares de anos, abrigam raras pinturas rupestres. Nas paredes das grutas, desenhos de veados, lagartos, tatus e macacos. "As pinturas comprovam o fascínio que esses animais exerciam nos antigos habitantes do Carste de Lagoa Santa", afirmou o biólogo José Eugênio. O doutor em hidrologia pela UFMG, Paulo Pessoa, explica

que a presença de lagoas na região é algo que a torna ainda mais peculiar.

Esse patrimônio está seriamente ameaçado pela degradação, provocada tanto por habitantes da região, quanto pelo turismo predatório. As paredes das grutas são alvo de tinta, manchas de batom e até de raspagens. "Atualmente, fiscalização só existe quando há denúncias, não existem vistorias permanentes", lamentou o gerente do Parque Estadual do Sumidouro, Rogério Tavares.



Descrição do processo de formação de dolinas, comum na região do Carste

14 Especial FestiVelhas Setembro de 2007 • Manuelzão

Frutos de Jequitibá

O FestiVelhas deixou marcas em todos que por lá passaram

MARIANA GARCIA

Estudante de Comunicação da UFMG

(Nesses anos todos, eu nunca participei de um evento tão maravilhoso como esse. Tanto na organização do Projeto, como no carisma do povo da cidade", afirma o membro do Núcleo Tamboril, de Belo Horizonte, José Américo de Souza. De fato, foi difícil não se deixar emocionar pelo FestiVelhas Jequitibá – Arte e Transformação na capital mineira do Folclore. "Todo mundo ficou feliz com o resultado final", diz a produtora artística, Geovana Jardim, da Jardim Produções.

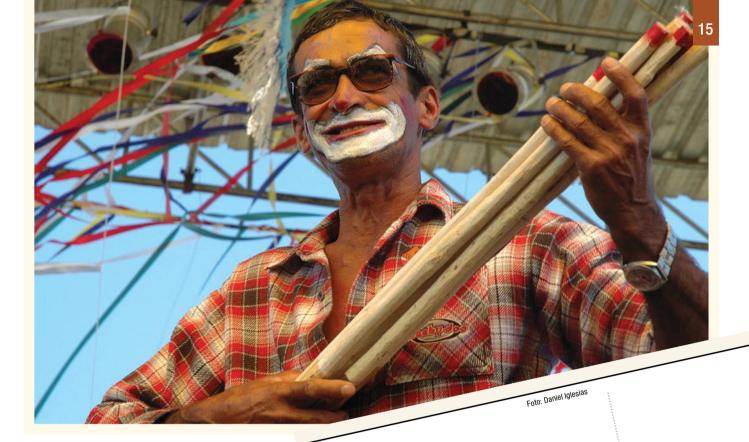
O FestiVelhas deixou marcas em todos que se propuseram a vivenciar ao menos um pouco do que ele proporcionou. Foram quatro dias de intensa movimentação na cidade, a 110 quilômetros de BH. De 6 a 9 de setembro, cerca de 500 pessoas conviveram em clima de festa, debate, confraternização e aprendizado. E outras duas mil, gente da comunidade local e público flutuante, puderam experimentar o que foi o evento. Público numeroso e diverso. Integrantes de Núcleos Manuelzão, Subcomitês, população

local, professores, estudantes, músicos, artesãos, além da própria equipe organizadora.

A convivência proporcionada entre esses segmentos é apontada pelo mobilizador social do Manuelzão, Gustavo Camargos, como o grande mérito do Festival. Para ele, "foi gratificante para todo mundo que presenciou o que aconteceu. Me considero um privilegiado por ter feito parte disso. O *FestiVelhas* superou tudo que a gente esperava". Gustavo coordenou durante a festa o Espaço de Convivência, local que levou ao pé da letra a proposta do Festival. Lá, quem quisesse poderia mostrar seu lado artista ou participar das atividades. Era só chegar, pois o clima era de acolhimento e liberdade, o que encantou principalmente as crianças.

Para o prefeito de Jequitibá, Geraldo Antônio Saturnino, o município e o Projeto Manuelzão alcançaram seus objetivos de levar cultura, meio ambiente e entretenimento para os espectadores. Na visão do coordenador do Festival e também do Projeto Manuelzão, Marcus Vinícius Polignano, "todo mundo sai mais rico do que entrou, conhecendo muito mais as pessoas e conhecendo muito mais esse cenário de interface da cultura e do meio ambiente e dos desafios que temos pela frente".





Montando os palcos

Há mais de dois meses, um grupo formado por integrantes do Projeto Manuelzão, gente do município de Jequitibá e da produtora cultural, Jardim Produções, começou a se reunir para traçar as primeiras linhas do FestiVelhas Jequitibá. Era necessário planejar toda a programação, que envolveu palestras, debates, oficinas e apresentações artísticas. Tinham que pensar grande em questões como hospedagem, alimentação, infraestrutura e comunicação para o evento, e planejar outras aparentemente simples como crachás, camisas e decoração. Para que tudo isso ficasse pronto, cerca de 250 pessoas estiveram envolvidas em diversos momentos da produção.

À medida que o Festival se aproximava, crescia junto a expectativa e o envolvimento tanto dos organizadores quanto da própria cidade, que se viu modificada para receber o evento. A quadra se encheu de cadeiras e de um pequeno palco para palestras, debates e algumas apresentações. A Prefeitura virou secretaria do *FestiVelhas* e uma central de notícias. As escolas Chapeuzinho Vermelho e Renato Azeredo e a biblioteca, alojamento. O Estádio São José deixou de sediar jogos para dar espaço a uma área de camping.

Novas tradições

Quem é esse palhaço atrapalhando a quadrilha?

Quem é esse palhaço atrapalhando a Jequitibá, a

Nem palhaço, nem quadrilha. Em Jequitibá, a

tradição é reinventada e até "contra" inventam

tradição é reinventada e até "contra" inventala

para a dança. Ao som da "rebeca" do scasais, e a

para a dança. Ao som da "rebeca" dos casais, e a

Jacó, palhaços palpitam na dança dos casais é

Jacó, palhaços palpitam na dança do e quadrilha

mistura de dança a dois, sapateado e quadição é

mistura de dança. E quem disse que tradição é

viram contradança. E quem disse que tradição se

viram contradança. E quem disse que tradição e

viram contradança. E quem disse que tradição for e adultos. Tendo e velho? No FestiVelhas, mostraram sem

viram contradança, como jovens e adultos. Tendo e velho? No FestiVelhas, mostraram sem

viram contradança, como jovens e adultos. Tendo e velho? No FestiVelhas, mostraram sem

viram contradança, como jovens e adultos. Tendo e velho? No FestiVelhas, mostraram sem

viram contradança, como jovens e adultos. Tendo e velho? No FestiVelhas, mostraram sem

viram contradança da vara. E é dança para

folclore tanto crianças, como jovens e boi da manta.

folclore tanto crianças, ada vara. E é dança

folclore tanto crianças, ada vara. E é dança

folclore tanto crianças ada vara. E é dança

folclore tanto crianças, ada vara. E é dança

folclore tanto crian

Tais Modhuus

O Salão Paroquial abrigou a exposição "10 anos de Projeto Manuelzão". O Coreto? Unidade de Atendimento Médico. As salas de aula da Escola Estadual Vitor Pinto.

lugar de oficinas. No que também se transformou a Lagoa Pedro Saturnino, que se coloriu de caiaques e remos em uma oficina de canoagem. 6 Especial FestiVelhas Setembro de 2007 • Manuelzão

Importa é o processo

MATHEUS JASPER Estudante de Comunicação da UFMG

Passar a pôr a mão na massa. Por isso as oficinas tiveram destaque durante o FestiVelhas Jequitibá. Foram dias em que aqueles que assistiam puderam participar de uma forma diferente. Mais que escutar, tiveram que falar; mais que ver, precisaram fazer. "Vamos pôr a mão na tinta", convidava o professor Wilton Vinícios na oficina de pintura. "A gente só ama aquilo que a gente conhece. Se você não conhecer a canoagem você não vai amá-la nunca. Tem que começar a navegar para tomar amor pelas coisas", afirma o canoísta Rafael Bernardes, que ensinou muita gente a remar na oficina de canoagem.

Foram seis oficinas: canoagem, desenho e pintura, Ecoarte (obras de arte feitas com folhas secas, pedaços de tocos e flores), percussão, máscara de caretas para o Boi-bumbá e Suíte para os Orixás (em que se discutiu o projeto de música instrumental de mesmo nome, que representa os Orixás em temas musicais). Todas elas se incorporaram à proposta do *FestiVelhas*: pensar sobre a questão ambiental, valorizar a cultura e possibilitar a convivência e a troca de experiência. "Como tudo no Festival, aqui não se ensina, se vivencia, se compartilha e se completa com o outro", afirma Wilton Vinícios.

Mais que transformar materiais que seriam jogados fora ou inutilizados, as atividades trans-

formaram também a relação entre as pessoas. A conversa, a troca de experiências, a ajuda, a própria opinião ou as sugestões que foram surgindo deram a oportunidade das pessoas se aproximarem, e isso mostrou que elas têm muita coisa em comum. "O legal é isso: a construção começa individual e aí eu já chamei a Dona Antônia que tava aqui quietinha e ela já foi se envolvendo comigo em uma construção coletiva. E aí você acaba se socializando. O que era de um, passou a ser de todos", acredita dona Isabel Cupertino, moradora de Belo Horizonte que fez a oficina de EcoArte.

Nessa ajuda mútua ninguém tem medo de errar e o experimentar torna-se importante. Aos poucos as coisas vão se transformando realmente: o braço trêmulo do início da canoagem já rema forte; aquela folha seca que todo mundo pisava virou detalhe bonito na obra de arte; o que era uma placa de raio X se transformou em batuque de um grande tambor. E o mais importante: o silêncio no início da aula se transformou em uma grande festa de confraternização. Ao final das oficinas, os participantes montaram uma divertida folia com batuque e bumba-meu-boi, expondo todo o trabalho que conseguiram fazer. "Há a troca. O resultado final não importa, importa o processo", acredita dona Isabel. Como disse Gibran Muller, que ministrou a oficina de percussão, "o negócio é comungar aqui, todos nós. Brincar conversar, ter toda essa experiência aí".

Cordas que nos tocam Elas compõem o instrumento e também Foto: Daniel Iglesias unem culturas e ritmos diferentes. As cordas da tradição na viola brasileira de Chico Lobo e seu Nelson Jacó, e na portuguesa de Pedro Mestre. A articulação entre o erudito e o popular na viola criada por Fernando Sodré. O forró e a folia do violão de Rubinho do Vale Caminhos de uma cultura diversa num mesmo palco em Jequitibá. Nem tudo se viu no FestiVelhas. Em noites embaladas por sonoridades impares, era preciso também abrir os ouvidos e deixar-se levar pela música. Cantar e dançar junto também Flipe Victor





VANESSA VEIGA Estudante de Comunicação da UFMG

ns. ti. gar: 1.Incitar, estimular; 2 .Induzir, aconselhar. O verbete do dicionário diz muito sobre um momento importante do FestiVelhas Jequitibá. As mãos levantadas pedindo vez, os discursos que se misturavam, e até a oportunidade de se inspirar pelo som de uma rabeca, como fez Nelson Jacó, morador ilustre de Jequitibá. As palestras que ocorriam durante o Festival mostraram que na tarefa de transformar mentalidades, o importante é estimular o debate. Educação ambiental, cultura e transformação, o consumo e a utilização de animais, a qualidade do Rio das Velhas e a valorização da cultura popular, mesmo sendo temas tão diversos, tinham um consenso: instigar questionamentos, opiniões, pensamentos.

O coordenador do *FestiVelhas*, Marcus Vinícius Polignano, explica que a intenção das palestras era discutir as interfaces que permeam a questão ambiental, cultural e do consumo. O coordenador de mobilização do Projeto Manuelzão, Rogério Sepúlveda,

afirma que os debates deviam promover a relação entre a cultura e o meio ambiente na transformação de mentalidades. Ele ainda destaca que, ao invés de propor debates comuns aos participantes do Projeto, como a Meta 2010 e a transposição do Rio São Francisco, o *FestiVelhas* procurou discutir assuntos diferentes e que se relacionassem às apresentações do Festival. "A idéia era de que uma manifestação pudesse se articular com uma palestra, para que o grupo pudesse contar do seu trabalho, da sua relação com a questão ambiental, mas na última hora não deu certo", afirma Rogério.

Na proposta de transformar mentalidades, a idéia também foi a de trazer assuntos que se relacionassem com o cotidiano dos participantes, como foi o caso da palestra que discutiu mudanças na relação do homem com os outros animais e de outra que tratou da valorização da cultura popular. E se o objetivo era mesmo o de aproximar o cotidiano das palestras, parece que deu certo. A utilização de termos científicos durante a palestra que tratou da qualidade de água no Rio das Velhas, promovida pelo NuVelhas (Núcleo Transdisciplinar e Transinstitucional do Projeto Manuelzão) não atrapalhou o interesse pelo assunto. Os olhares atentos dos participantes e as perguntas que pipocavam, mostravam o quanto a discussão era importante para quem estava no Festival. "Não sabia do curso de biomonitoramento. Pelo que escutei aqui hoje, vou procurar saber e quero inclusive levar meus alunos para conhecer esse trabalho", afirma a professora de Sete Lagoas, Silvana Ferreira. Durante a palestra, foi utilizado um painel que mostrava a qualidade das águas do Velhas de acordo com os níveis de poluição. E para isso, os pequenos bioindicadores de nomes tão complexos - como o Trichoptera e Megaloptera - ganharam desenhos infantis e até apelidos, respectivamente, "Arquiteto dos rios" e "Fortão".

Especial FestiVelhas Setembro de 2007 • Manuelzão



VICTOR GUIMARÃES Estudante de Comunicação da UFMG

"Um homem vai devagar. Um cachorro vai devagar. Um burro vai devagar. Devagar... as janelas olham. Êta vida besta, meu Deus."

sses alguns versos de "Cidadezinha qualquer", poema de Carlos Drummond de Andrade, poderiam bem definir o que foi a passagem do FestiVelhas por Jequitibá. Pacata no seu dia-a-dia, a cidadezinha recebeu o Festival com a experiência e a tranquilidade de quem está acostumada aos festejos durante todo o ano. O município é um caldeirão multicultural em permanente ebulição. Mas, se foi a mesma, a capital mineira do folclore também foi outra. Mudança de ritmo e de ares. O FestiVelhas, em vários aspectos, marcou a vida dos jeguitibaenses.

Agitação, gente correndo, barulho. Era a imagem que muitos construiriam de uma véspera de festival. Mas o cair da tarde da quarta-feira, 6 de setembro, revela outras nuances. Meninos jogam bola ao lado do palco já montado no centro da cidade. Uma mulher vai devagar, com suas duas filhas sorridentes. É ela quem explica a tranquilidade: "a cidade tem muita festa, o ano todo". Ao todo, 17 grupos folclóricos se apresentam anualmente no já tradicional Festival de Folclore da cidade, que este ano aconteceu simultaneamente ao FestiVelhas. Além disso, só entre a quaresma e o mês de novembro, são 33 festas.

Daniela também é quem desfaz a primeira aparência de quietude: "há um mês o pessoal já estava programando a vida para agora. Quem faz artesanato, está produzindo mais; quem tem comércio, está fazendo estoque". Lúcia Saturnino, secretária de Educação do município, conta com brilho nos olhos que as pessoas da cidade enfei-

Poesia mais circo mais missica mais tear e ma rua. criancas e iro. No palco, na gradra, na rua, crianças e la apresenta. Tra palco, na gradra noite. Ra apresenta adultos, do Calvão Cine Horro. na apresenta adultos do Calvão Cine Horro. adultos de dia ou de noite. Seja no espetár apresentaren de forto, na apresentaren das Gerais ou nas incománeis de cuto de Tinea das Gerais ou nas incománeis de cuto de Tinea das Gerais ou pas incománeis de cuto de Tinea das Gerais ou nas incománeis de cuto de Tinea das Gerais ou nas incománeis de cuto de Tinea das Gerais ou nas incománeis de cuto de Tinea das Gerais ou nas incománeis de cuto de Tinea das Gerais ou nas incománeis de cuto de Caro de C illo do Galpão Cine Horto, na apresentario do Galpão Cine Horto, na cominiencia de Cominencia de Cominencia de Cominencia de Espaço de Cominencia cão de Tinga dos Gerás do Espaço de Cominencia capa de Cominencia manifostações do Espaço de Convivência, podia esper manifostações do Pelo Festi Velhas podia esen. Manifostações do Pelo Festi Velhas podia esen. Quem passava alzo alem do condiano. Mão esen. Quem passava alzo alem do condiano. Mão esen. · Convinencia. avem possova pelo Festi ethas podia esperitare die se recebe um convite como esse rimentar algo alem do catalano. Não é sem-pre que se recebe um comite con ndo ac pre que espectadores ou artistas. ou pro-pre que espectadores ou artistas. Are ane se recede um convite como esse.

Are ane se recede um convite como esse.

Are ante especiador todos participavam e construcion mesmo tempo. Como espectadores ou artistas, ou tudo ao mesmo tempo, todos participavam e construiriam o Festival. manifestações do transou

Façamos!



taram suas calçadas e pintaram os muros das casas com a proximidade do evento. Ela própria teve seu cotidiano totalmente modificado. Antes do Festival, o marido estranhava era quando ela chegava cedo em casa. Durante, era impossível vê-la parada por um momento. O secretário de Cultura, Hermano Saturnino, relata que a prefeitura teve de reorganizar todo o trabalho dos funcionários. A rotina mudou completamente; era um entra e sai contínuo.

Êta vida boa, meu Deus.

"Em dia de semana, deu cinco e meia, seis horas, parece que é uma cidade fantasma. No inverno, então, não se vê ninguém na rua". Foi como dona Arlinda Araújo, que divide com a irmã a administração de um armazém próximo à prefeitura, definiu o cotidiano de Jeguitibá nas outras épocas do ano, que não as festivas. Durante o Festival, entretanto, o movimento aumentou, a cidade ficou mais alegre. E o que não se viu também se pôde contar: "ontem à noite eu fui deitar, depois do trabalho, e fiquei escutando. Parecia que tinha era um coral cantando", disse dona Arlinda sobre a participação das pessoas no show de Fernando Sodré, que aconteceu na noite da sexta-feira.

festações folclóricas locais, era nítida a presença da população da cidade. Na apresentação da Folia de Reis do mestre Geraldo Vanderley, no sábado, as palmas e a voz dos jequitibaenses acompanhavam o ritmo dos instrumentos e os comandos do capitão da folia. Se a presença da população local não foi mais expressiva, há que se entender que a maioria da população da cidade mora na roca, em comunidades como a do Batista e a do Souza, a sete quilômetros do centro de Jequitibá, e isso faz com que essas pessoas povoem as ruas da sede do muni-

Principalmente nas mani-

cípio geralmente aos domingos e dias santos.

E até quem trabalhou no Festival pôde participar das manifestações. Existe um grupo de pessoas que, durante todo o Festival, esteve a postos para resolver qualquer problema. Alberto, Edir e João Batista foram três dessas pessoas. Com a proximidade do evento, o trabalho só aumentou. No domingo, entretanto, João deixou as escadas e o material elétrico de lado para se apresentar com seu grupo, Capina de Roça. No encerramento do FestiVelhas, em um dia repleto de manifestações dos grupos locais, João teve a companhia dos jequitibaenses que presenciaram e foram presenciados pelo Festival.

De volta às origens

Homens em roda dançam e cantam com enxadas nas mãos. Um homem sobre um andaime de madeira protege uma árvore do corte. Casais "entrelaçam-se" no palco como o vai-e-vem de um tear. Cada uma a seu modo, algumas manifestações artísticas desse Festivelhas buscaram expressar elementos ligados a trabalhos que marcam o imaginário da população jequitibaense. Tanto a lida cantada na roça, como a proteção à madeira e o tecer em um tear são atividades que não mais existem como antes. As danças, de certa forma, vêm para resgatar um passado que é distante e, ao mesmo tempo, não quer ser esquecido.



Ficha técnica

O FestiVelhas Jequitibá foi realizado pelo Projeto Manuelzão em parceria com a Prefeitura de Jequitibá. Produção artística da Jardim Produções. Apoio: Governo do Estado de Minas Gerais, Cemig e Instituto Guaicuy.

Conhecendo Setembro de 2007 • Manuelzão

A via das dúvidas

Opção pela energia nuclear ainda é controversa

VANESSA VEIGA E VICTOR GUIMARÃES Estudantes de Comunicação da UFMG

Entre argumentos contrários e favoráveis, uma certeza: o consenso está longe. Enquanto órgãos ligados ao Governo Federal e alguns pesquisadores apontam as vantagens da energia nuclear para a geração de energia elétrica, críticas severas ainda permanecem. Seguindo o percurso conflituoso, surgem muitas explicações para a atual opção por essa fonte energética. Nesse cenário, a construção da usina de Angra 3.

No fim do mês de junho, o governo brasileiro anunciou a construção de uma obra que vem sendo adiada desde o fim do regime militar. Parte do equipamento para a construção da usina de Angra 3 foi comprado há mais de 20 anos. Segundo o chefe do gabinete da presidência da Eletronuclear – estatal responsável por construir e operar as usinas termonucleares do Brasil, Leonam dos Santos, os aparelhos ainda estão com condições de funcionar. A usina se juntará às outras duas usinas nucleares brasileiras (Angra 1 e Angra 2) e deve iniciar suas operações em 2013. Com o fato consumado, surgem as dúvidas.

Por que agora?

Em toda essa discussão, uma das razões apontadas para a opção por energia nuclear é a busca por energias limpas. A produção de energia nuclear (ver box) não emite gases de efeito estufa e, assim, não contribui para o aquecimento global. Outro motivo é a necessidade de se tomar alguma decisão para a expansão do setor elétrico, que começa a despertar preocupação. Previsões citadas por Márcio Dias, pesquisador do



O Brasil deposita seus rejeitos nucleares em piscinas protegidas, enquanto países como França e Japão os reutilizam

Centro de Desenvolvimento da Tecnologia Nuclear, instituição de pesquisa vinculada ao Governo Federal, indicam que a produção de energia elétrica no Brasil precisará crescer 134% até 2030. Mas outros motivos têm sido levantados.

Para o coordenador do Programa de Planejamento Energético da COPPE (Departamento de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Luiz Pinguelli Rosa, essa opção "surge no momento em que o governo apresenta dificuldades de licenciamento de hidrelétricas". O físico José Goldemberg, da Universidade de São Paulo, vai mais longe: "a opção é política e não técnica. A decisão necessária era a de abandonar o equi-

pamento no valor de cerca de 700 milhões de dólares ou concluir a obra". Segundo o Governo, seria necessário mais 1,8 bilhão de dólares para a conclusão.

De outro lado, Leonam dos Santos, da Eletronuclear afirma veementemente que não há nenhum motivo político para isso. "Em 2005, a Empresa de Pesquisa Energética, EPE, fez o plano decenal de expansão energética. Nele, as demandas futuras são projetadas, analisam-se as possibilidades e então decidem-se as fontes, pelo critério da mais barata à mais cara", explica Leonam. Márcio Dias aponta também como motivo a crescente redução do estigma que a energia nuclear recebeu após a explosão das bombas atômicas em Hiroshima e Nagazaki, no fim da Segunda Guerra Mundial, e do acidente na usina de Chernobyl, em 1986.

Viabilidade e desafios

Enquanto algumas fontes de energia começam a apresentar problemas em sua gestão, em outras o problema mais grave é o aumento do preço, situação que torna a energia nuclear mais competitiva. As hidrelétricas causam impactos devido à inundação de área na construção de barragem e demoram a receber o licenciamento, como é o caso da usina do Rio Madeira. Já o gás natural se tornou um combustível caro e que sofre as oscilações do mercado e da situação política internacional. A energia eólica exigiria uma ocupação enorme de área para instalar os moinhos geradores de energia. O carvão mineral do país, utilizado em termelétricas, é de baixa qualidade, e seria preciso importar, sem contar com a emissão dos gases estufa. E a energia solar



Setembro de 2007 • Manuelzão Conhecendo 21

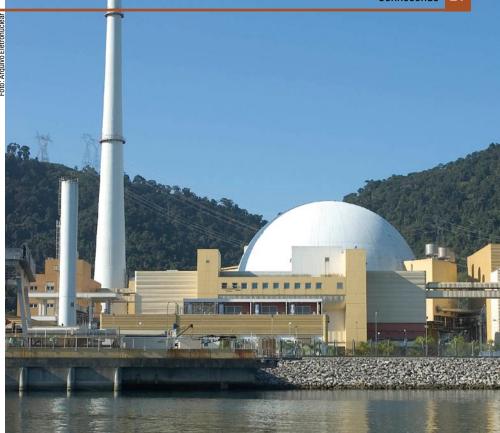
ainda não conta com tecnologia suficiente para produzir em larga escala. Nesse contexto, a energia nuclear aparece como uma fonte limpa, com usinas que ocupam áreas menores, e o Brasil seria beneficiado por ser a sexta maior reserva de urânio do mundo.

Em outros países, ela tem se tornado mais barata. Na França, cerca de 78% da energia elétrica é de fonte nuclear. No entanto, para Luiz Pinguelli, no caso brasileiro "a energia nuclear ainda é muito cara". Segundo o ministro de Minas e Energia, Márcio Zimermann, em entrevista à Revista do Brasil em junho, o custo é de cerca de 150 reais por megawatt/hora. De acordo com Zimermann, em entrevista à Revista Época, a hidroeletricidade está na faixa de 116 reais por megawatt/hora. E além do custo, restam outros problemas sem resolver. Os acidentes ainda preocupam especialistas e, embora tenham ocorrido avanços, a questão da deposição do lixo atômico ainda não foi solucionada.

Futuro

Para os próximos anos, o impacto do investimento nessa fonte energética não deve ser significativo. Em cinco anos, Angra 3 começa a funcionar e até 2030, o planejamento é que mais quatro usinas sejam instaladas no país, sendo duas no Nordeste. Como explica José Goldemberg, "as projeções da EPE, que são otimistas, prevêem que, até 2030, a energia nuclear poderia representar um máximo de 5% na matriz brasileira". Entretanto, como aponta Márcio Dias, "o Brasil tem que pensar sua matriz energética para o futuro, crescer e crescer de forma diversificada, pensar estrategicamente". Aumentar a eficiência energética e otimizar o consumo fazem parte dessa estratégia. Discutir que tipo de crescimento é esse, também.

Até o fechamento desta edição, a equipe não obteve resposta da Empresa de Pesquisa Energética e da Comissão Nacional de Energia Nuclear, vinculadas ao Governo Federal, para as questões levantadas pela reportagem.



Usina de Angra 3 deve ter a mesma potência de Angra 2, 1300 Megawatts

Como se faz?

Como explica Márcio Dias, a energia nuclear hoje já é utilizada em diversas áreas, desde a esterilização de alimentos e instrumentos médicos até a indústria espacial, desde diagnósticos, como raio X e mamografia, à proteção de livros e obras de arte. Para a geração de energia elétrica, o procedimento é semelhante ao de uma termelétrica. O que muda é a "fornalha". Primeiramente, o combustível (no caso brasileiro, o urânio) é retirado do solo. Dele são retiradas as impurezas e são formadas pastilhas, que serão colocadas no reator nuclear. No reator, o urânio é fissionado (os núcleos dos átomos são divididos dentro da pastilha), e libera 200 milhões de elétrons-volts por átomo, na forma de calor. Esse calor é transmitido para uma água que acaba aquecendo outras águas até gerar vapor, que movimentará a turbina, gerando energia elétrica. Todo esse processo acontece dentro de um reator hermeticamente fechado, que é protegido por um edifício de concreto.

Movimento Energia Nuclear Não

No projeto do Governo de expandir a energia nuclear, estão previstas duas usinas na região do Nordeste. A justificativa estaria na solução energética e no progresso que traria para a região. A possibilidade é que ela se instalaria próxima à Usina Hidrelétrica do Xingó, no Rio São Francisco, mas, de fato, não se sabe o lugar certo. "Falar que é as margens do São Francisco é pura especulação" garante Leonam dos Santos, da Eletronuclear. Na dúvida, movimentos contrários às usinas nucleares já surgem na região. Um deles é o "Usina Nuclear, não. Vida sim!", que tenta sensibilizar a sociedade por meio de panfletagens e debates. "A falta de informação é o maior problema" afirma o deputado estadual de Sergipe, professor Wanderlê Correa, líder do movimento. Para ele, o investimento está indo na contra-mão: "países desenvolvidos como Suécia e Reino Unido estão abolindo as usinas nucleares".

22 Acontece Setembro de 2007 • Manuelzão

Últimas da transposição

Contra toda a mobilização da sociedade, as obras da transposição do São Francisco começaram, mas as incongruências do projeto também começam a ser expostas. O so-ciólogo Ruben Siqueira, da Comissão Pastoral da Terra da Bahia, visitou no início de setembro os municípios pernambucanos de Cabrobó e Floresta, onde a água será captada. Segundo ele, os militares iniciaram os primeiros trabalhos por volta do dia 4. No dia 20 de setembro, entretanto, o Tribunal de Contas da União determinou a paralisação da obra, devido a "indícios de irregularidades graves". A transposição, junto com outras 76 obras federais, não poderá receber recursos da União em 2008 até que as irregularidades sejam resolvidas. Desde junho, homens do segundo e terceiro batalhões do Exército Brasileiro estão acampados na região. De acordo com a assessoria do Ministério da Integração, a primeira etapa consiste em construir reservatórios e canais que, se concluídos, levarão a água do rio até os estados contemplados pelo projeto. Ruben relata que os militares trouxeram mais maquinário e estão contratando trabalhadores da região. Em Cabrobó, ponto de captação do Eixo Norte da obra, está sendo feita a tomada d'água. No ponto de captação do Eixo Leste, em Floresta, uma barragem está sendo ampliada. Ele conta ainda que os movimentos sociais estão fazendo trabalhos de informação junto à população da área dos dois eixos.



Para onde vai...

...o lixo de BH? A Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) firmou contrato sem licitação em caráter de urgência com um aterro particular para dispor o lixo produzido na cidade. A Vital Engenharia Ambiental, empresa da construtora Queiroz Galvão, está recebendo parte do lixo da Capital mineira, em Sabará, até o final do ano. O valor do contrato é de R\$ 14,4 milhões. A Central de Tratamento de Resíduos Sólidos de BH, na BR-040, continua recebendo lixo, mas segundo determinação do Conselho de Política Ambiental (Copam), a Prefeitura pode usar o aterro até dezembro deste ano ou até que ele alcance 930 m acima do nível do mar (a altitude média de BH é de 858 m). Enquanto isso, um novo edital foi lançado sob a forma de parceria público-privada (PPP - contrato que uma empresa privada firma para prestação de serviço público) para receber o lixo, a partir do ano que vem. Estima-se que mais de 444 milhões de reais serão pagos à empresa vencedora, que vai receber lixo de BH por 25 anos. As empresas devem fornecer área, estrutura e as licenças exigidas por órgãos ambientais. De acordo com o controlador-geral de BH, Luciano Ferraz, o sistema de PPP permite um contrato com duração maior em relação aos previstos pela lei 8666, que estabelece normas gerais sobre licitações e contratos administrativos pertinentes a obras e serviços, possibilitando um custo menor para o município. A prefeitura não descarta construir um novo aterro público em Esmeraldas, na região metropolitana de Belo Horizonte, uma vez que não há área na Capital., Desde 2002 a PBH sabia que a capacidade do aterro público estava esgotando-se e só agora entrou com um projeto na Câmara dos Vereadores para poder começar a construção do aterro. Como não conseguiu encontrar solução para a destinação final do lixo, agora BH, corre contra o tempo.

Saneamento ambiental

O Ministério da Saúde disponibilizou em seu site três publicações sobre saneamento ambiental: "Manual de Procedimentos de Vigilância em Saúde Ambiental Relacionada à Qualidade da Água para Consumo Humano"; "Boas Práticas no Abastecimento de Água"; e "Vigilância e Controle da Qualidade da Água para Consumo Humano". As publicações abordam a atualização da legislação brasileira sobre qualidade da água para consumo humano, estabelecem diretrizes para a adocão das chamadas boas práticas no abastecimento de água e incluem normas e procedimentos para o exercício não só do controle de qualidade, mas também da vigilância da qualidade da água. As instituições interessadas em receber as publicações podem solicitar cadastramento junto à Secretaria de Vigilância em Saúde. O e-mail é svs@saude.gov.br. Para baixar arquivos é só ir ao site do Ministério da Saúde e clicar em "Vigilância em Saúde" no lado esquerdo e depois em "Publicações". Site: www.saude.gov.br.

Parque do Sumidouro

Ocorreu no dia 15 de setembro a posse dos 36 membros do primeiro Conselho Consultivo do Parque Estadual do Sumidouro. O Parque foi criado em 1980, mas seu processo de implantação demorou mais de 25 anos, sendo retomado recentemente. Situado na Área de Proteção Ambiental do Carste de Lagoa Santa, ele guarda um importante patrimônio geológico, arqueológico e paleontológico. Essa riqueza foi revelada, em meados do século 19, pelo explorador britânico Peter Lund, que comprovou a coexistência de grandes mamíferos com a espécie humana no período pré-histórico.

Ecolatina

A 7ª Conferência Latino-Americana sobre Meio Ambiente e Responsabilidade Social, a Ecolatina, trará como tema "Mudanças Climáticas: Tempo de entrar em Ação". Energias renováveis, construção sustentável e os desafios dos países sul-americanos frente às mudanças climáticas, serão alguns dos debates. Ocorrerão fóruns, seminários, cursos e a Feira Internacional de Tecnologias, Produtos e Serviços Ambientais e de Responsabilidade Social. A Conferência ocorrerá de 16 a 19 de outubro, no Centro de Convenções do Minascentro, em Belo Horizonte. Para participar é necessário se inscrever no site oficial e pagar uma taxa. Saiba mais em www.ecolatina. com.br ou pelo telefone (31) 3223—6251.



Sacudindo a bacia

Grandes eventos realizados pelo Projeto Manuelzão movimentam o cotidiano no Velhas

MARIANA GARCIA Estudante de Comunicação da UFMG

unte numa tigela uma dose de visibilidade, mais colheres de interesse e xícaras de atenções capturadas. A fórmula não é tão exata como pode parecer, mas essas seriam algumas as características de um grande evento. O Projeto Manuelzão, desde 2003, vem experimentando esse caminho, que geralmente é apresentado de forma diferente aos público. Ao todo, já foram sete "receitas", sendo o marco delas a Expedição Manuelzão desce o Rio das Velhas. Na voz do coordenador de mobilização do Projeto, Rogério Sepúlveda, "esse foi um momento ímpar, que deu maior visibilidade ao Projeto". Depois vieram aquelas chamadas de "filhotes" da grande Expedição, que foram as expedições nos afluentes do Velhas, os ribeirões Taquaraçu (2005), Curimataí e da Mata (2006) e Jaboticatubas (2007). Vieram também as duas edições do FestiVelhas, a primeira em Morro da Garça (2005) e a segunda em Jequitibá (2007). Segundo o coordenador do Manuelzão, Marcus Vinícius Polignano, "o objetivo desses eventos é criar um momento em que as pessoas possam se encontrar em um outro clima, conviver, vivenciar, e fortalecer seus laços com o Projeto, entre si e com a bacia".

Segundo o relações públicas e professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, Rennan Mafra, eventos como esses realizados pelo Projeto Manuelzão fazem parte de uma dimensão importante da mobilização social, já que a visibilidade concedida por eles é necessária. No entanto, alerta para os seus riscos. "Se a gente cai apenas na visibilidade, a mobilização que não é apenas visibilidade perde seu sentido", diz. Para ele, mais que visibilidade, esses eventos geram uma responsabilidade que se manifesta no interesse das pessoas pela causa do que é mostrado e, conseqüentemente, na vontade de fazer parte disso. O problema estaria em não saber como abarcar esse interesse. Caso não se saiba a resposta, Rennan esclarece que o evento pode gerar um efeito inverso: as pessoas começariam a perceber que se trata apenas de uma estratégia de divulgação.

Então, como fazê-lo?

Rogério Sepúlveda conta que, no início, partiu-se do pressuposto de que bastava fazer a Expedição, como aconteceu em 2003. Contudo, com o passar dos anos e com a experiência adquirida, percebeu-se que para avançar na questão da mobilização social era necessário mais do que caiaques no rio. A resposta encontrada foi fazer com que a população local se envolvesse em todo o processo de concepção do evento, o que de fato aconteceu na última expedição realizada, no rio Jaboticatubas, e no *FestiVelhas Jequitibá*. "O maior desafio que eu vejo para qualquer evento é sair do modelo de que o Manuelzão faz tudo e que só vai acontecer de novo se o Manuelzão voltar", acredita Rogério.

"Temos que aproveitar e desenvolver trabalhos com o combustível gerado naquele momento onde portas são abertas", diz o coordenador de mobilização. Se a população local for envolvida, melhor e mais fácil será para dar continuidade ao trabalho. "A gente deve pensar no evento para além do evento", diz Rennan. Mas o "além" ainda é um desafio para o Projeto Manuelzão. Rogério Sepúlveda conta que a volta ao cotidiano e aos outros compromissos acaba dificultando essa continuidade.

A primeira "receita"

"Acho que a Expedição ainda não terminou". A frase do mobilizador social do Projeto Manuelzão e também idealizador da Expedição de 2003, Rafael Bernardes, mostra bem o que ela significa para o Projeto Manuelzão. No dia 11 de outubro fará quatro anos que os expedicionários chegaram ao fim do percurso — ainda é clara a lembrança daqueles por onde a Expedição passou. "Hoje em dia podemos dizer que as pessoas já olham o Rio das Velhas com mais carinho e amor, coisa que não vinha acontecendo", diz. Segundo o coordenadorgeral do Manuelzão, Apolo Heringer Lisboa, a Expedição de 2003 não pode ser olhada como fato isolado. Ela reverbera, como evidencia a fala do expedicionário, até os dias de hoje. "Momentos como esses convocam as pessoas para se integrarem conscientemente a nossa causa", diz Apolo.



CUIDAR BEM DO MEIO AMBIENTE É MOTIVO DE ORGULHO PARA OS MINEIROS. LEVANTAR O TROFÉU, TAMBÉM.

MINAS GERAIS. VENCEDORA DO I PRÊMIO BRASIL DE MEIO AMBIENTE.

O Governo de Minas, por intermédio da COPASA, vem cuidando muito bem do meio ambiente em Minas Gerais. São inúmeras ações realizadas no Estado, sendo que o trabalho para a recuperação do Rio das Velhas, um dos principais afluentes do Rio São Francisco, já rendeu o I Prêmio Brasil de Meio Ambiente. A COPASA, empresa de saneamento do Estado, tem hoje 16 Estações de Tratamento de Esgoto em operação nas cidades que fazem parte da bacia do Rio das Velhas, o que vem contribuindo muito para a sua despoluição. O objetivo é cumprir a Meta 2010, idealizada pelo Projeto Manuelzão e abraçada pelo Governo de Minas, que prevê a navegação, a pesca e a natação no Rio das Velhas a partir de 2010. Um sonho que, com a dedicação da COPASA e a ajuda integrada dos municípios envolvidos, tem tudo para se tornar realidade.



